

Rede de histórias dos povos que deram origem ao povo *Inỹ/Javaé*¹

Odair Giralдин

Prof. Dr. Associado IV da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

giralдин@uft.edu.br

Ricardo Tewaxi Javaé

Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e

Professor da Escola Indígena Tainá

ricatewa@gmail.com

Resumo

Neste artigo apresentamos diversas narrativas que mostram as redes de relações existentes entre os diversos povos *Inỹ* desde o começo da história, mostrando a importância do povo *Wèrè*. Aborda também diversos hábitos e costumes ligados a cada um desses povos, bem como a história das guerras e do desaparecimento de alguns deles.

Palavras-chaves: Javaé, Ilha do Bananal, Narrativas, Cosmologia, História

Abstract

In this article, we show some narratives that exhibit the relationship networks among that old *Inỹ* peoples since the beginning of the history, showing the prestige of the *Wèrè* people. We too approach the inhabits and consuetudes to each of these peoples, as well as about the wars histories among them and the disappearance of some people.

Key-words: Javaé, Bananal Island, Narratives, Cosmology, History

1 Agradecimento especial à CAPES pelo bolsa de mestrado de Ricardo Tewaxi Javaé e ao INCT Brasil Plural, pelo apoio durante a pesquisa.

Introdução

Na trajetória da etnologia sobre os povos indígenas das Terras Baixas da América do Sul, estabeleceu-se uma visão quase sempre atomizada sobre os povos, geralmente vistos em suas particularidades, dando-se pouca atenção aos processos de interação e aos conjuntos de redes de interrelação que sempre estiveram presentes. Há algumas exceções como a região do Alto Rio Negro (HUGH-JONES, 1979), das Guianas (GALLOIS, 2005) e do Xingu (FRANCHETO, 2011; GUERREIRO, 2015) e, mais recentemente, uma proposta de vislumbrar essas redes para o Brasil Central vem sendo proposta (DEMARCHI e MORAIS, 2016). Assim, ainda que seja adequado pensar as particularidades culturais que fazem de cada povo uma unidade cultural específica, não devemos deixar de olhar também para as redes nas quais estão inseridos.

Pensar em redes de interações é importante para compreender a história do povo *Inỹ/Javaé*. Desde quando ascenderam do nível subaquático para explorar e viver no nível terrestre, por exemplo, já existiam povos diferentes em interação, como veremos adiante.

Os *Inỹ/Javaé* vivem no interior da Ilha do Bananal, formada pela divisão do rio Araguaia, na fronteira entre Tocantins, Mato Grosso e Pará. São falantes de uma variação dialetal da mesma língua *Inỹribe*, falada também pelos Karajá e Xambioá, sendo que todos se autodenominam como *Inỹ*.

As narrativas aqui apresentadas são parte do trabalho de Ricardo Tewaxi Javaé no mestrado em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Tocantins (UFT), concluída em 2019. Sendo filho de narradores *Inỹ/Javaé*, Tewaxi é considerado um historiador *Inỹ* pois guarda a memória de seu povo, aprendida oralmente de sua avó materna *Lawarairu Javaé (in memoriam)* e de seu pai José *Wereumari Javaé (in memoriam)*.

Vários textos antropológicos já foram realizados sobre os *Inỹ/Javaé*. Os principais são a dissertação (1993) e a tese (2008) de Patricia Mendonça Rodrigues, cuja capacidade intelectual, conhecimento e dedicação aos *Inỹ/Javaé* fazem dela a principal etnóloga sobre esse povo. As narrativas tratadas aqui estão presentes em seus trabalhos, sobretudo na tese de doutorado. Outra antropóloga que pesquisou e escreveu sobre os *Inỹ/Javaé* é Sônia Regina Lourenço (2009) cujos estudos versam sobre a etnomusicologia *Inỹ/Javaé*. Lydie Oiara Bonilla Jacobs (2000) escreveu uma dissertação sobre contato interétnico e identidade, analisando o caso da aldeia Txuiri, um antigo povoado não-indígena existente na margem do rio Javaés, que foi retomado pelos *Inỹ* nos anos 1990.

A opção por apresentar aqui as narrativas numa forma descritiva, com pouca análise antropológica no escopo do discurso acadêmico, decorre primeiro pela opção de uma quase transcrição literal dessas histórias que formam o “elo narrativo” (BASSO, 2000:

296) que interligam experiências passadas com acontecimentos atuais, que nos levam a compreender tanto o processo histórico (do ponto de vista ocidental) da ocupação memorial do lugar chamado Ilha do Bananal, quanto das relações estabelecidas entre os diferentes povos *Inỹ* dos quais os Javaé atuais são os descendentes. Tal “elo narrativo” é elemento importante e fundamental para a apreensão do espaço e para sua legitimação enquanto lugares de vida. Em segundo lugar, essa opção descritiva deseja permitir ao leitor a compreensão do recurso discursivo que os *Inỹ/Javaé* utilizam sobre sua própria trajetória e, assim, mostrar como sua existência esta interligada às redes de relações entre diversos povos, seja no passado, no presente e quiçá também no futuro.

Assim, vamos começar pelo surgimento das condições de habitabilidade do nível terrestre, diferenciado do nível subaquático.

1. Cosmogonia *Inỹ*

Pelo conhecimento da cosmologia *Inỹ/Javaé*, os antigos narram que no início o mundo era escuro. No nível terrestre existiam somente dois povos que viviam no mundo escuro: o povo *Inỹ/Ijanakatu*² e o povo *Inỹ* da *Myrèikò*. *Tynyxiwè* era esposo de *Myrèikò* e eles viviam num ambiente com pouca luz, quase na escuridão. Nesse tempo *Tynyxiwè*³ era só uma pessoa, ele não descendia de nenhum povo. *Tynyxiwè* era esposo de *Myrèikò*. Em certo tempo a sogra de *Tynyxiwè* reclamou do escuro. Ela dizia que não aguentava mais andar no escuro e que as suas canelas e os joelhos estavam todos machucados. Ela falou: “nossa que situação das minhas canelas e os meus joelhos, estão todos machucados!” Ela topava e tropeçava nos tocos e se machucava e por isso que ela reclamou: “meu genro, o mais poderoso do mundo e olha minha situação!” Então *Tynyxiwè* pensou: “nossa, minha sogra está reclamando de mim!” Certo dia decidiu procurar o Sol para clarear o mundo para ela viver na claridade e também para iluminar o mundo para todos que viviam no escuro. O *Tynyxiwè* falou para sua esposa *Myrèikò* que ele iria sair de casa e para ela não se preocupar com ausência dele.

Tynyxiwè foi procurar o urubu *kojiè* para este encontrar um animal morto dentro do qual pudesse se esconder e se disfarçar. *Kojiè* procurou e encontrou um animal morto. A intenção de *Tynyxiwè* era atrair o *Rararesa* (urubu-rei), por causa do *raheto*, que ele usa

2 O povo *Inỹ/Ijanakatu* vivia em apenas uma família. São quatro irmãos e duas irmãs. Tinham pais (o pai deles se chamava *Kajamiri* e a mãe deles se chamava de *Kurimatutu*) e um avô. Era um povo mágico, tipo de *xiburè*. *Xiburè* é um ser com poderes extraordinários que trabalham com auxiliares dos *hàri* (xamã) em processo de cura. Eles tinham plantas medicinais que usavam para tirar os poderes de animais ferozes ou de pessoas valentes e com isso servia para fazer *hàri*.

3 *Tynyxiwè* é um herói cultural cujos poderes permitiam a ele realizar diversas transformações no mundo.

como cocar. O *raheto* do urubu-rei era o Sol e o urubu-rei era seu dono. O *Tynyxiwè* já sabia onde existia e de quem era o Sol.

Para pegar o Sol dele e iluminar o mundo, *Tynyxiwè* entrou no corpo do animal morto e se transformou nele para pegar o urubu-rei. Os urubus viram o animal morto e foram buscar *Rararesa* no céu para come-lo. Mas um urubu, que era tia de urubu-rei, desconfiou do animal morto. Ela estava falando que o animal não estava morto, que estava vivo. Os outros urubus estavam brigando com ela, dizendo: “onde que o animal está vivo? Você não está vendo que o animal está morto, inchado e as bicheiras estão todas no corpo dele, comendo!” *Tynyxiwè*, olhando para o céu, pensava: “nossa, será que ele vem? Será que vou conseguir o Sol para minha esposa *Myrèikò*?” Então o urubu-rei veio descendo. “Nossa, que bom, vou pegar”, pensou *Tynyxiwè*. Ele desceu mais baixo e *Tynyxiwè* esticou a barriga dele para o urubu-rei não desconfiar. Ele foi chegando mais perto e *Tynyxiwè* estava tremendo dentro do animal morto. Urubu-rei desceu e sentou bem na barriga do animal morto. Virou-se em cima da barriga e então *Tynyxiwè* se transformou em gente e segurou o *Rararesa* (urubu-rei).

Tynyxiwè falou com *Rararesa* e o chamou de *iòlò*: “te peguei não para te fazer a maldade. Te peguei por causa de seu *raheto*”. Então *Rararesa* falou que ele não tinha *raheto*. *Tynyxiwè* insistiu com ele: “eu quero seu *raheto*.” O *Rararesa* pediu para os seus tios, os urubus, para buscarem o seu *raheto*. Foram e trouxeram só as estrelas chamadas de *larabòtò*, as estrelas Sete Estrelas (Plêiades), que só apareceram no céu, mas não clareou. *Rararesa* falou para o *Tynyxiwè*: “aí está o meu *raheto*”. *Tynyxiwè* disse: “não é esse que eu quero, eu quero seu *raheto* de verdade”. Então *Rararesa* falou para seus tios levarem de volta as Sete Estrelas, pois não deu para clarear o mundo. Os tios de *Rararesa* trouxeram então as estrelas *hatèdèkòtè*, estrelas Três Marias. *Rararesa* disse novamente: “aí está o meu *raheto*.” *Tynyxiwè* replicou: “eu quero seu cocar de verdade”. *Rararesa* falava que não tinha outro *raheto*. Novamente os tios de *Rararesa* levaram de volta aquele *raheto* e trouxeram outras estrelas chamadas de *kôri juraru*, as estrelas Cruzeiro do Sul. *Rararesa* falou para o *Tynyxiwè*: “aí está o meu *raheto*.” Mas *Tynyxiwè* disse novamente: “eu quero seu *raheto* de verdade.” *Rararesa* disse que não tinha outro. Mas *Tynyxiwè* continuou insistindo que queria o cocar de verdade. *Rararesa* falou então para os tios dele levarem de volta, dizendo: “não tem jeito ele vai me matar”. *Tynyxiwè* escutou e disse: “não vou te matar, eu só quero seu *raheto* verdadeiro, isso que eu quero.” Os tios de *Rararesa* dessa vez trouxeram outra estrela, a *Takinahaky*, a Estrela D’Alva, que clareou no céu, mas não iluminou a terra. *Rararesa* falou para o *Tynyxiwè*: “esse é último *raheto* que eu tenho”. E *Tynyxiwè* continuou insistindo, chamando o urubu-rei de *iòlò*: “*iòlò*, te peguei por causa

de seu *raheto* de verdade”. De novo os tios de *Rararesa* levaram a estrela de volta. Então *Rararesa* falou para os seus tios para trazerem *Ahadu* (a lua). Eles trouxeram a lua e essa clareou um pouco. *Rararesa* disse para o *Tynyxiwè*: “esse é último, não tenho mais.” Mas *Tynyxiwè* continuava falando que ele queria o cocar de verdade. *Rararesa* pensou novamente: “nossa não tem jeito, tô morto”. Novamente *Tynyxiwè* respondeu: “não vou te maltratar”. *Rararesa* falou, então, para os seus tios levarem de volta e trazer o último que ele tinha. E avisa: “esse vocês não trazem direto. Vocês vêm, depois volta um pouco para trás e depois vocês trazem de verdade o *Txuu*”, que é o Sol. Então, *Rararesa* falou para o *Tynyxiwè*: “esse é meu último *raheto*”. Responde *Tynyxiwè*: “sim, esse que eu quero. Eu não vou te maltratar eu só quero seus bens”. Então *Tynyxiwè* lançou o *raheto* verdadeiro com uma flecha e ele se fixou no céu e pode iluminar o mundo terrestre desde então.

Depois *Tynyxiwè* soltou *Rararesa*. *Tynyxiwè*, então, pediu para o urubu-rei como que os seres humanos iriam viver no mundo iluminado. *Rararesa* explicou para o *Tynyxiwè* sobre todas as coisas da vida no mundo iluminado. Então o *Tynyxiwè* foi aprendendo com o *Rararesa*. Ele estava conhecendo o conhecimento de *Rararesa* para os seres humanos. *Rararesa* é o *xiburè*.

Tynyxiwè perguntou ao *Rararesa*: “*iòlò*, como que vai ser a roça?” Respondeu *Rararesa*: “a roça vai ser em um lugar bom e alto. Primeiro tem que fazer o roçado e depois fazer derrubada. Espera secar as derrubadas por um ou dois meses e faz a queimada. O homem tem que fazer a roça sozinho porque é um pagamento de uma moça⁴ e são só os homens casados que fazem a roça. Um rapaz solteiro não tem como fazer a roça. Só depois que estiver casado com uma moça, aí faz uma roça.” Assim o *Rararesa* repassou para o *Tynyxiwè*.

E *Tynyxiwè* também perguntou como fazer a canoa: “tem que escolher um pé de landi bem grande. Depois vão os homens para derrubar o pé de landi e também abrir todos juntos. Depois só um homem que termina. Também é um homem depois de casado que faz a canoa para o pagamento de uma moça. A primeira canoa dá para sua esposa.” “E o remo, como que vai fazer?” “Derruba um pé de tarumã e tira a madeira e faz o remo”. Essas são tarefas de homem e tarefa de mulher é fazer a esteira e fazer o cobertor⁵ e também os enfeites, os adornos.”

São muitas coisas na nossa vida que vieram de *Rararèsa* (urubu rei). Porém *Tynyxiwè* esqueceu de uma coisa. Quando *Rararèsa* estava lá muito alto, *Tynyxiwè* gritou para ele: “como serão as transformações? Quando as pessoas envelhecerem, como elas se

4 Aqui se referindo ao serviço da noiva, que são as contraprestações que o genro presta ao sogro.

5 Cobertas feitas tecendo linhas de algodão nativo.

renovam?” *Rararèsa* respondeu de longe, bem alto e só o *Tynyxiwè* que entendeu, além de alguns répteis que ouviram, como a cobra, camaleão e também algumas árvores. Estes se renovam, mas os humanos não.

Esse conhecimento de se transformar, *Tynyxiwè* não repassou para o ser humano. Quando saiu o Sol, *Rararèsa* explicou como o ser humano faz para viver no mundo com a claridade do Sol. Assim, os *Inỹ* fazem uma demarcação do tempo diário da seguinte maneira.

Quando são 5 horas da manhã (*bèdè riraso-nymy*; o dia já está clareando), os homens vão para um lugar longe longe num lago (eles chamam: *ijoi rakere*; vamos!). Quando são 7 horas da manhã, eles chamam esse horário de *txuu ròhònyra* (sol já apareceu). Quando são 8 horas, dizem *txu ratirariè-my* (o sol já subiu). Por volta de 9 horas da manhã, falam *txuu Inỹ òbira-my* (sol já pega no rosto da pessoa). Às 10 horas da manhã, dizem que é *txu Inỹ ra tya* (o sol está acima da altura das pessoas). Ao meio dia dizem *txu-tya* (sol no meio do céu). Quando é 1 hora da tarde, diz-se que é *txu ròkèsè-my* (sol voltando). Lá pelas 2 ou 3 horas da tarde, fala-se que é *txu - rytyny - my* (sol já desceu). Quando são 4 horas da tarde, então é *txioro-txu - rèhè - my* (sol ainda longe da terra). Quando são 5 horas da tarde é *txioro* (sol quase entrando). E quando for 6 horas da tarde, diz-se que *bèdè luru - my* (já escurecendo). Mas quando o sol se põe, diz-se que é *txu -ròtèna - sytyby- my* (depois do sol se por, mas ainda claro). Quando for 7 horas da noite, é *bèdèsò - tyhymy* (bem no começo da noite). As 8 ou 9 horas fala-se *bèdèsò raramykymy* (não é mais cedo da noite). Por volta das 10 as 11 horas da noite diz-se *bèdèsò rara - wètyamy* (quase no meio da noite). Quando é meia-noite, então diz-se *ruwètya-my* (meio da noite). Lá pela 1 hora da madrugada é *hanikè dèlè irà* (galo já começa a cantar). Quando for 2 até 4 da madrugada, então é *bèdèdi*.

Então essas regras do dia ou repartição do tempo foram feitas pelo dono do Sol, *Rararesa* (urubu-rei). Ele deixou a forma e as regras para desenvolver as tarefas de acordo com os tempos, como por exemplo, quando as pessoas vão para algum lugar longe, marcam com a lua ou com algumas estrelas. Assim é a vida dos seres humanos na cultura do povo *Inỹ/Javaé*.

2. O surgimento dos povos

Foi a partir do clareamento do nível terrestre que os povos surgiram vindos do mundo que esta abaixo do fundo das águas⁶. Muitos povos subiram ao nível terrestre na

6 Uma descrição pormenorizada desse processo de saída dos diversos povos do nível subaquático pode

Ilha do Bananal, como o povo *Wèrè*, que surgiu num lago chamado *Bòra*, na região de atual aldeia Macaúba, no Rio Araguaia. O povo *Iwayrè/Karajá* surgiu em outro local chamado *Inỹ Sèdyna*, que fica no Rio Araguaia, entre as atuais aldeias Macaúba e Itxala. Já o povo *Kuratanikèhè*, surgiu do fundo do Riozinho, na região sul do Bananal Velho. Do fundo do Riozinho também surgiu o povo *Imõtxi*, na região do *Imõtxi*. O povo *Halàlàra* surgiu na região sul da ilha do Bananal, mesma região onde surgiu o povo *Latibi*, o povo *Anaèrèbi* e o povo *Kumaka*.

Já os povos *Hauxe*, *Mõrî*, *Ibrahy* e *Irobi* surgiram na região do Rio Jaburu, saindo do mundo existente no nível situado abaixo do fundo das águas no Rio Jaburu. O povo *Lòrèky* surgiu do fundo das águas no rio *Lòrèky* ou *Sohoky*, enquanto que o povo *Hèryri Hetxitèbè* surgiu do fundo das águas no rio Javaé, na região da atual aldeia Cachoeirinha. Nesta região surgiu também o povo *Kuriminikè*. O povo *Tòròhòni* surgiu no fundo das águas na pedreira onde hoje se localiza a área da Fundação Bradesco, no Rio Javaé. O povo *Kuriawaku* surgiu na região de *Wari-Wari*, próximo ao *Wari-Wari Bero* (rio de *Wari-Wari*). Os povos *Bisa Irukyrè*, *Harè* e *Habòkò* surgiram na região norte da Ilha do Bananal, sendo que o último o povo a surgir foi o *Ixy Biawa*, no fundo das águas no Riozinho.

Há três povos que surgiram fora da Ilha do Bananal. O povo *Wala* surgiu a partir do fundo do lago *Wala ahu* (lago do *Wala*), na região de *Kanōanō*. O povo *Tòròhòni* surgiu do fundo das águas na margem direita do rio Javaé e o povo *Walairi* surgiu do fundo das águas no rio *Walairi* na região da atual fazenda Brahma.

Então, esses povos surgiram na Ilha do Bananal e no seu entorno e cada povo com características culturais e linguísticas diferentes. Os *Wèrè* são considerados como o povo cuja língua e práticas rituais foram incorporados pelos outros povos que se interessaram e aprenderam-nas.

Assim a cultura do povo *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal se construiu. No começo do mundo claro, os povos *Wèrè* trouxeram alguns alimentos da roça como a banana-nanica, milho, batata-doce, melancia e também trouxeram urucum e açafrão para passar na pele, e óleo de babaçu para passar nos cabelos. Algumas coisas foram encontradas depois, ou seja, arrumaram aqui no “mundo de fora” (*ahana-òbira*), como a resina de almécega (*Protium heptaphyllum*), dentes de capivara, penugem de mergulhão e também arrumaram os dentes de peixe-cachorra (*Hydrilycus scomberoides*) e dentes de peixe aruanã, para escarificar os corpos para fortalecê-los e também arrumaram a pimenta-de-macaco e a pimenta-de-água (uma planta arbustiva cujas folhas piladas são usadas para passar nas escarificações) que fica na beira do rio ou no lago, para passar depois que escarificar os

ser consultada em Rodrigues (2008).

corpos.

Quando os *Wèrè* passaram pelo rio Araguaia, viram a capivara na margem. O mais velho perguntava para seu irmão mais novo: *waixi aõ iròdu ta kia rare?* (“meu irmão que animal é esse?”). O irmão mais velho respondeu: “esse animal vai ser chamado capivara. O tio da criança mata e tira os dentes de capivara e os dá para o seu sobrinho fazer enfeites, como adorno que vai ser usado nas orelhas. Coloca as penas de arara-vermelha nos dentes”. Seguindo em frente, encontraram o pássaro mergulhão (*waka*). Então o irmão mais novo perguntou novamente: “meu irmão que pássaro é esse?” Respondeu o irmão mais velho que esse pássaro seria chamado de *waka*. O tio materno da criança mata e dá para seu sobrinho passar as penugens nos braços e nas pernas do recém-nascido. Então os povos *Wèrè* fizeram as normas e as regras da vida social do seu povo e para o povo *Inỹ/Javaé* aqui no mundo de fora (*ahana òbira*).

Os outros povos não tinham os enfeites e adornos que os povos *Wèrè* tinham. E o povo *Wala* também tinha os seus enfeites e adornos parecidos com os dos *Wèrè*. Majoritários na relação com outros povos, os *Wèrè*, que se autodenominavam de *Inỹ tyhy* (*Inỹ* verdadeiros), navegavam pelos rios Araguaia e rio Javaés e em todos os lagos de Ilha do Bananal.

O povo *Wèrè* tinha *hàri* (xamã): três homens e três mulheres. Eles pensaram em criar, ou seja, inventar os rituais de aruanã. Dizem que os restantes dos povos no nível subaquático se transformaram em espírito de aruanã (*Inỹ roko*). Os outros povos não tinham esse ritual. Também existem *iòlò* na cultura deles. Na cultura do povo *Kuratahanikèhè* também existia *iòlo*, que é conselheiro formal da comunidade. O *iòlò* é muito respeitado na forma de viver dos *Inỹ*, pois ele atua para que não aconteçam desavenças e brigas nas comunidades.

O povo *Wèrè* era o mais populoso da Ilha do Bananal. Eles navegavam em todo o trecho do rio Araguaia. Também navegavam para cima ou para baixo no rio Javaé, no Riozinho, no meio da Ilha do Bananal e nos lagos. Fora da Ilha do Bananal também eles navegavam no rio Verde e no rio Formoso. O povo *Wèrè* se autodenominava *Inỹ tyhy*, pois eram mais importantes que os outros povos que existiam na Ilha do Bananal, além de terem mais capacidade guerreira que os demais povos. Quando encontravam os seres ferozes⁷, seja no rio Araguaia ou nos lagos ou no rio Verde, eles não sentiam medo de se enfrentá-los. Por isso que alguns lugares do rio Araguaia e nos lagos da Ilha do Bananal ou no rio Verde, existem os nomes de *Wèrè* (*wèrè-ahu* = lago de *Wèrè*). Apesar da sua capacidade guerreira, foi naquele lago onde os seres ferozes (*aõní*) mataram muitos *Wèrè*.

7 Esses seres ferozes são chamados na língua *Inỹ ribe* de *aõni*. São seres com grande capacidade predatória que afligiam os *Inỹ*, pois podem aniquilar as pessoas

Os *hàri* dizem que hoje os espíritos de *Wèrè* estão lá, no fundo do lago. Quando alguém vai pescar no lago, os espíritos de *Wèrè* se transformam em peixe e veem para fora da água na forma de pirarucu para ver as pessoas. Eles se animam para receber as pessoas no lago. Porém são somente os *hàri* que enxergam e conversam com eles.

E no rio Verde também aconteceu uma tragédia numa pescaria tradicional que se chama *loiri*. Essa pescaria tradicional era feita de madrugada. Cercavam o rio com as folhas da palmeira babaçu ou com os galhos e as folhas de árvores e faziam um tipo de arrastão das redes nos rios ou nos lagos. Então a boiúna, ou seja, serpente que se chama *reimylò*, ficou dentro de *loiri*. Os pescadores vinham puxando suas redes até chegar no raso. Quando estava amanhecendo, eles tinham ouvido muito barulho de água. Eles pensavam que tinham pegado muitos peixes de madrugada. Quando amanheceu eles perceberam que não eram peixes. Era um ser feroz (um *aõni*). Um *Wèrè* atirou uma flecha nele, mas não conseguiu atingi-lo. Quando a boiúna abriu e fechou a sua boca, os *Wèrè* caíram, mordidos. Mais um deles foi de novo flechar a boiúna, mas também não conseguiu matar. Ela abriu e fechou novamente a boca e os *Wèrè* estavam morrendo (*taunymy – Inỹ –rò*). Então os que restaram correram e escaparam.

O lugar chama-se *Wèrè-loirina*. Os espíritos de *Wèrè* estão lá no fundo do rio Verde, em cima de uma boiuna muito maior (*reimylò*). Como as pessoas vivas, eles conversam com os *hàri* (xamã, ou pajé). Então esses acontecimentos de algumas tragédias foram comandados por alguém que era *hàri*, porque algum pescador teve caso com a filha ou com sobrinha de um *hàri*, por isso que ele mandou o ser feroz acabar com muitas pessoas. Por causa de uma, morreram muitas pessoas, contam os *hàri*. A boiúna que acabou com os *Wèrè* existe no fundo de rio Verde. Ela é maior que todas na região da Ilha do Bananal, por isso que os *Wèrè* não conseguiram atingir esse ser feroz. Assim é a história contada pelos narradores do povo *Inỹ/Javaé*.

Os povos *Inỹ* não brigavam entre si. Eles gostavam de confrontar com os seres ferozes. Quando o *hàri* mandava os ferozes, eles não corriam e só pensavam em matar esses seres. Por isso que os seres ferozes acabaram com eles e também explica porque alguns *Wèrè* se transformaram em espíritos de aruanã ou *lateni*. Por exemplo, podemos citar o aruanã *wèrè hakiriri* e o *lateni, wèrè lateni*. Esses são espíritos de *Wèrè* que se transformaram e existe isso na cultura *Inỹ/Javaé*.

Os povos *Wèrè* eram muitos corajosos e matadores de ferozes (*aõni*) nas regiões da Ilha do Bananal e no rio Araguaia. Os *Wèrè* mataram um desses ferozes, chamado de *Hèrèrajuà*, no lugar chamado de *hirari-loirina* (*hirari = meninas abaixo de dez anos; loiri = pescaria tradicional; na = sufixo de lugar*). Foram os *Wèrè Kuberiè* e *Wèrè Kojama* que

mataram. Depois da vitória, ambos ficaram com os dois pés virados para o sol nascente e cantaram usando os nomes deles (*Kuberiè, Koijama hehy! Kuberiè, Koijama hehy!!!!*), e se transformaram em espíritos (*Wèrè kuni*). Isso porque aquele *aõni* matava várias pessoas, pois as atacavam quando as canoas passavam pelo rio Araguaia. Os dois homens *Wèrè* foram só para matar aquele ser feroz e conseguiram matar. Então agora não existe mais esse ser feroz no rio Araguaia, pois só ficam no nível subaquático e só os *hàri* que conseguem enxergar com a visão que tem dos vários níveis cosmológicos.

Os *Wèrè* também mataram no rio Araguaia o *Werehina*, um *aõni* chamado de *wodò*. *Werehina* tem a aparência de gente, só que não é gente. Ele é um *aõni*. Ele matava as pessoas nos lugares das praias. Ele avisava que estava indo, cantando (*lotxi!arakere*). Corria e pegava alguma pessoa e a levava para a casa dele, onde a comia, junto com sua família. Todas as vezes que as pessoas iam para aqueles lugares, sempre acontecia isso. Os *Wèrè* pensaram: “vamos defender os nossos povos”, aí foram matar *Werehina*. Quando anoiteceu, eles ficaram à espera. Quando viram que *Werehina* estava vindo correndo no meio da praia, eles atiraram as flechas, atingindo-o. *Werehina* correu de volta e chegou lá na casa dele morrendo e falou para sua esposa *Koriwèkèru*: “os *Wèrè, Wèrè Wobèdu, Wèrè Ijani, Wèrè Dèridu* vão me matar”. Eles foram embora e a esposa de *Werehina*, levou o corpo de seu marido para o interior da Ilha do Bananal no lugar chamado de *Inỹ-bò* (o coco babaçu), ou de *Inỹ-ni*, pois que a castanha de babaçu tinha a capacidade acordar e fazer reviverem as pessoas novamente. Por isso que ela estava levando o corpo de seu esposo, para dar banho nas castanhas de babaçu.

Ela foi chorando e usava os nomes deles. Então os *Wèrè* disseram: “vamos enterrar o corpo de marido dela, senão ele vai acordar de novo e vai nos matar”. Foram na frente, encostaram a canoa e esperaram. Quando ela chegou lá com seu marido morto, eles falaram com ela chamando-a de prima: “minha prima, mataram seu esposo”. Ela respondeu: “sim mataram meu esposo”. *Wèrè Ijani, Wèrè Wobèdu, Wèrè Dèridu boho* disseram: “nós que somos seus primos vamos enterrar o corpo de seu marido para você”. Ela deixou o corpo do marido para eles sepultarem e voltou para sua casa chorando (*waijo !! txu ralo kereri !, waijo!! Ho!, waijo txu ralo kereri !, Were Wobèdu !! bohokè ! ikotxi !hè !, txu ralo kereri !, Were Ijani ! bohokè! Ikotxi!hè ! txu ralo kereri !, Wèrè Dèridu ! bohokè ikotxi!hè ! txu ralo kereri !*). Assim é choro de *Koriwèkèru*, esposa de *Wèrè hina*. Com isso *Werehina* deixou de ameaçar as pessoas.

3. Conflito entre *Wèrè* e *Iwayrè ixyju* (Karajá)

Então, no começo da vida no nível terrestre os *Wèrè Inỹ Tyhy* e os *Iwayrè ixyju*, eram

vizinhos e a amizade (*rynowy*) era muito respeitada por eles. Seus combates eram sempre e apenas contra os seres ferozes (*aõni*). Mas com o passar dos tempos os *Iwayrè mahadu*⁸ quebraram o respeito com os *Wèrè* e mataram o pai de um deles: *Wèrè Kuduè*, que era pai de *Wèrè Tèribèrè*, *Wèrè Ijani*, *Wèrè Dèridu* e *Wèrè Wobèdu*. Mataram ele numa praia, onde *Wèrè Kuduè* sempre ia coletar os ovos de tracajá (*mai-ruxi*). Ele não voltou mais para sua casa e então os seus filhos se preocuparam e pensaram: “o *Iwayrè* matou nosso pai”. No outro dia foram procurar ele e encontraram seu corpo cheio de flechas. Os *Wèrè* disseram: “nossa, os *Iwayrè* mexeram com a nossa vida”. Então os *Wèrè* decidiram fazer guerra e avisaram para os homens prepararem suas flechas, suas bordunas, suas lanças. Depois de todas as armas feitas, os *Wèrè* foram atrás de *Iwayrè*. No primeiro dia mataram só um *wetxu*⁹ que se chamava *Katarawa*. *Wèrè-Ijani*, falou: “eu quero que morra, eu quero matar um *Iwayrè*”. Foram de novo até a aldeia dos *Iwayrè* e começaram a guerrear. Mataram muitos e voltaram para sua aldeia. Depois fizeram outro ataque. Foi então que os *Iwayrè-mahadu* foram pelo rio abaixo e os *Wèrè* foram atrás e os encontram no meio do rio Araguaia, nas praias. Começaram novo ataque. Os *Iwayrè* fugiram e foram perseguidos descendo pelo rio Araguaia. Os *Wèrè* queriam acabar com os *Iwayrè* e continuaram descendo o rio Araguaia até chegar à “foz” do rio Javaés. E os *Wèrè* continuaram seguindo eles. Os *Iwayrè* entraram pelo rio Javaés acima para chegar na foz do Riozinho e subir por ele até chegar em *Marani-Hawa*, para eles se esconderem na casa do *iòlò Tòlòra*. Os *Iwayrè* já sabiam que existia o grande *iòlò Tòlòra*, que morava na aldeia *Marani-Hawa*. Os guerreiros do povo *Wèrè* continuavam seguindo eles. Quando os alcançavam, continuavam confrontando com eles. E quando chegaram no *Imõtxi*, pararam no lugar para fazer uma bebida chamada de *bèsu* para um jovem tomar porque ele não comia nada durante a guerra, pois esse era o resguardo para quem matava alguém. Enquanto isso, os *Iwayrè* fugiram dos *Wèrè*. Só tinha sobrado uma canoa dos *Iwayrè*, que chegou até a casa do *iòlò Tòlòra* para se esconderem dos *Wèrè*.

Depois de tomar o *bèsu*, os *Wèrè* seguiram o caminho e não encontraram mais os *Iwayrè*. Quando chegaram na fonte¹⁰ do *iòlò* em *Marani-Hawa* viram a canoa dos *Iwayrè*. Mas eles não tinham como invadir a casa do *iòlò Tòlòra*, porque os *Wèrè* tinham grande respeito por *iòlò*. De longe o *Wèrè Ijani* gritou ao *iòlò*: “*Iòlò* você escondeu meu adversário?” Então o *iòlò* respondeu: “eles não estão aqui em casa”. *Wèrè Ijani* falou: “a canoa deles está

8 *Mahadu* significa grupo, turma. *Iwayrè mahadu* significa a turma, ou o grupo dos *Iwayrè*. Da mesma forma pode-se dizer *Mahani kawa mahadu* (grupo dos moradores da aldeia *Mahani hawa*) ou *Imõtxi mahadu* (grupo dos moradores da aldeia *Imõtxi*)

9 *Wetxu* pode ser traduzido com um servo ou um cativo. *Katarawa* era membro de outro povo, provavelmente cativo de guerra, que foi criado entre os *Iwayrè*.

10 Local do rio que serve de fonte de água para a aldeia ou casa.

aqui na sua fonte”. O *iòlò* respondeu: “essa canoa ganhei deles de *ryrawy* (amizade),” ao que o *wèrè* falou para o *iòlò*: “você vai saber quem são eles de verdade. Eles não são gente. Eu respeitava eles e mesmo assim mataram meu pai. Por isso que estou aqui. Eu ia acabar com eles.”

Assim são as histórias que foram narradas pelos narradores *Inỹ/Javaé*.

4. Como surgiram as misturas dos povos

Assim os *Iwayrè* conseguiram se refugiar e os descendentes dos *Iwayrè/Karajá* foram criados pelos *iòlò Tòlòra*, *iòlò Haruèsi*, *iòlò Timyjuy*, na antiga aldeia *Marani-Hawa*. Esses *iòlò* são os criadores de gerações dos *Iwayrè* (Karajá), que são os *iòlòs* de *Marani-Hawa* (povo *Kuratanikèhè*), no sul da ilha do Bananal.

Então depois que os *Wèrè* atacaram os *Iwayrè*, eles voltaram para suas casas. Foi a partir de então que começou a ter casamento interétnico *Iwayrè* (Karajá) com *Kuratahanikèhè* (o povo de *Marani-Hawa Mahadu*), sendo por isso que existem os parentes nos *Iwayrè-mahadu*. Aqueles que têm mistura com os *Kuratahanikèhè* têm as pernas grossas e as bundas grandes e têm as coxas grossas. Já os *Iwayrè*, não miscigenados, têm as pernas finas, coxas finas e sem bundas e a pele mais escura e as bocas grandes. Os *Wèrè* chamavam os Karajá de *Iwayrè* (tradução em português: o povo de um só pé). E os Karajá chamavam os *Wèrè* de *Trumaí*, significando os povos originários, os primeiros povos. Os *Wèrè* chamavam os Karajá com os muitos outros nomes: *Iwayrè-ixyju*, *bèwyrè-ixyju*, *Kanana-Burè-Ixyju* (*kanana* = jaraqui; *burè* = cor rosa; *ixyju* = índio “selvagem”). E os Karajá chamavam os *Kuratanikèhè* de *Ixyju mahadu*, mas não era bem esse o nome pelo qual poderia ser chamado. O povo *Kuratanikèhè* ficava bem no meio dos outros povos (*ixyju*), por isso que era para ser chamado de *ixyju-tya-mahadu*, mas acabou sendo chamado de *ixyju mahadu*.

Até hoje os Karajá chamam os Javaé de povo do mato, ou seja, “selvagem”. Os outros povos também se misturaram como, por exemplo, o povo Tapirape (*Wou-mahadu*) com os *Kuratanikèhè* (*Ixyju-mahadu*); e os *Kuriawaku-mahadu* com os *Wèrè-mahadu*. Mas entre os *Iwayrè-mahadu* com o povo *Wèrè-mahadu*, nunca houve a mistura, porque eles dois acabaram se tornando grandes rivais. Mesmo assim, os *Iwayrè-mahadu* falam que são os descendentes dos *Wèrè*, porque os povos *Wèrè* são considerados os donos de todos os bens culturais em uso. Por isso todos querem ser descendentes de *Wèrè*. Essas foram as misturas mais antigas.

Mas as pessoas hoje não se identificam como descendentes de todos os outros povos que se misturaram. A maior identificação se dá com os descendentes de *Wèrè*, dos

Tapirapés, de *Iwayrè*, de *Ixybiawa* e *Kuratanikèhè*. As pessoas se identificam com esses povos enquanto que os outros povos negam sua origem e não se identificam. Não há pessoas se identificando como descendentes de *Kuriawaku*, nem de *Hauxe*. Então quando se sabe quem são esses descendentes desses povos? Quando há uma briga. Então a descendência é usada para xingar os outros.

Com o passar do tempo houve mistura com os Kayapó, gerando muitos descendentes. Mas as pessoas não se identificam como descendentes de Kayapó. Devido ao caráter guerreiro pelo qual são reconhecidos os Kayapó, às pessoas com características agressivas no meio da atual sociedade indígena do povo *Inỹ/Javaé*, são atribuídas descendência desse povo.

Para o povo *Inỹ/Javaé* os *Kuratanikèhè* e os *Wèrè* não são agressivos com ninguém. O povo *Wèrè* era agressivo contra os seres ferozes, chamados na língua *Inỹ* de *aõni*. Esses são seres com poderes espirituais e que ameaçam a vida dos *Inỹ*. Eles reagem só quando os outros povos os agrediam e apenas para se defender. Quando acontecia uma tragédia com eles, não paravam os conflitos com os adversários. Assim os descendentes dos *Wèrè* continuam com a vingança interna aos inimigos.

Quando os *Iwayrè-mahadu* (Karajá) aumentaram muito de população, vivendo em *Marani-Hawa*, voltaram para morar no rio Araguaia e permanecerem no lugar da atual aldeia Santa Isabel do Morro (*Hawalò*), onde os *Wèrè* moravam na margem direita de rio Araguaia. Os Karajá chegaram lá na aldeia dos *Wèrè* descendo pelo Rio Araguaia. Os *Wèrè* estavam em decadência, em situação de tristeza (*ixy-kõri*), sem sorte (*bèdè-bura*). Nesse sentido os *Iwayrè-mahadu* (Karajá) aproveitaram dessa situação do povo *Wèrè*. Alguns dos *Wèrè* estavam falando: “acabamos com os eles, não existem mais os *Iwayrè*”. Alguns dos *Iwayrè-mahadu*, responderam a ele: “nós estamos de volta para fazer vingança”. Então começaram os conflitos entre eles, mas desta vez os *Iwayrè-mahadu* venceram.

O povo *Wèrè* não tinha mais aquela capacidade guerreira e força porque a preparação física dos corpos não era mais como no começo do mundo. Por isso que os *Iwayrè* venceram os *Wèrè*. O povo *Wèrè* abandonou aldeia para o povo *Iwayrè* e o rio Araguaia também para o líder *Tèribèrè* Karajá. Os peixes de rio Araguaia e tudo o que existe no rio Araguaia foram entregues pelos *Wèrè* para o *Tèribèrè Iwayrè-mahadu*. Depois xingaram ele com muitos nomes que os *Wèrè* chamavam os Karajá: *Iwayrè-ixyju*, *Bèwyrè-ixyju*, *Kanawitxi-ixyju*, *Kanana-burè-ixyju*, *Kanani-ixyju*. Os nomes *ixyju*, para designar os Karajá, trata-se de nome que se refere a “selvagem”, atribuídos ao povo Karajá. Isto porque os povos *Wèrè* se autodenominam como *Inỹ* ou *Inỹ tyhy*, que significa gente, os povos indígenas. Para os *Wèrè*, os *Iwayrè* não eram gente, eram todos “selvagens”, incultos (*ixyju*). Então os *Wèrè*

foram embora para o lugar que chamavam de *Hèrydeo-bèro* (o rio de *Hèrydeo*), um termo difícil de traduzir, que fica no estado de Mato Grosso.

Alguns povos que surgiram na ilha do Bananal foram embora dos seus lugares para fora da ilha. Só ficaram os povos *Kuratanikéhè mahadu*, *Marani-Hawa mahadu* e os povos *Tòròhòni mahadu*, *Kanõanõ mahadu*. Esse povo de *Tòròhòni* foi levado pelos *Tori-uhu* (brancos) para a Goiás e nunca mais voltou para o seu lugar de origem¹¹. Os povos *Tòròhòni mahadu* e *Kanõanõ mahadu* eram muito populosos na Ilha do Bananal. Suas aldeias eram na forma de círculos e não se confrontaram com os *Wèrè*. Eles foram levados pelos bandeirantes de batelão até a atual Aruanã (Goiás) de onde foram levados para a antiga Vila Boa de Goiás, atual Cidade de Goiás. Nas narrativas *Inỹ/Javaé*, diz-se que foram levados para Minas Gerais. Por isso que não existem os descendentes dos povos *Tòròhòni*, pois eles não conseguiram voltar para a sua aldeia. Diz-se também que certa vez veio um descendente de *Hatxu rikokore* que se chamava *Manakaru*. *Hatxu rikokoré* era uma mulher do povo *Tòròhòni*. *Manakaru* já era um doutor e veio para ilha do Bananal visitar seus parentes. Ele tinha trazido muitas coisas para seus parentes na forma de presentes como ferramentas, roupas, cobertores, a rede de dormir, machados, enxadas, facão, facão cavador, tesouras, etc., e entregou para todos os povos da ilha do Bananal e foi levar até para os Tapirapé. Ele cantava a música de *Iwèruhuky*: *Haju riki!, rakerá, haju riki rakerá!* E também chamava as pessoas de *walikina*: meu amigo, ou seja, meu companheiro.

Só ficaram duas famílias na região de *Kanõanõ*: a família de *Hèdédura*, no lugar conhecido como *Hèdédura-Hawa*, atual Mata de Coco; e a família de *Asarika*, no lugar chamado de *Asarika-Hawa*, no atual Morrinho, pois eles se esconderam dos bandeirantes em lugares mais distantes da margem do rio Javaé. Segundo os narradores, no meio dessa guerra, uma mulher chamada de *Myrihoko* tinha batido em um *Tori-uhu* com uma mão de pilão, atingindo-o nos joelhos. Quando ele caiu, os irmãos de *Myrihoko* o mataram e o transformaram em espírito (*Tori-kuni*), que se tornou um grande protetor dos povos *Inỹ/Javaé*. Quando uma pessoa está enferma, quando está muito doente, os *hàri* pedem ajuda de *Tori-kuni* e a pessoa melhora mais rápido. E qualquer tipo de perigo do povo *Inỹ/Javaé*, o *hàri* pede ajuda ao *Tori-kuni*. Assim são as histórias narradas pelos narradores *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal.

11 Possivelmente foram levados, no século XVIII, pelo sertanista Antônio Pires de Campos para o aldeamento de São José de Mossâmedes, em Goiás, e depois para o aldeamento de Santana do Rio das Velhas, no Triângulo Mineiro. Ver sobre esse processo Mori (2015).

5. Características dos povos

Na história dos povos *Wèrè* existe uma diversidade de biotipos. Existem os *Wèrè-tyhy*, os *Wèrè-lyby*, os *Wèrè-tirèkè*, os *Wèrè-rakòra* e os *Wèrè-hina*.

Os *Wèrè-tyhy* originais têm sua pele mais branca, ou seja, a pele clara, os cabelos lisos, cabeças chatas, as pernas grossas, coxas grossas e as bundas grandes, os rostos redondos e as bocas menores. *Wèrè-lyby* tinham a pele mais escura. *Wèrè-tirèkè* tinham as pernas finas, coxas finas, os braços finos e sem bundas. *Wèrè-rakòra*, tinham os cabelos enrolados, cacheados. E os *Wèrè-Hina* eram canibais, pois se transformavam em uma onça para matar as pessoas. Eles tinham os rostos grandes, bocas grandes, as pernas grossas, barrigas grandes e cabelos enrolados. Essa diferenciação das características nas fisionomias dos povos entre os povos *Wèrè* já existia, como algo próprio dos povos. Não existiam separação cultural entre os povos *Wèrè*, pois as línguas e os costumes eram da mesma forma que aquelas dos *Wèrè* originais (*Wèrè-tyhy*).

O *Wèrè-Hina* é um ser feroz com formato de gente. Ele falava igual gente, usando a mesma língua dos *Wèrè*, mas nunca morou em uma aldeia. Eles sempre moravam só com a sua família. Um morava em região de Araguaia. Os *Wèrè* mataram ele no rio Araguaia no lugar chamado de *Wodò*. Havia também uma família que morava na região de *Wari-Wari*, na margem direita do rio Javaés, distante aproximadamente dois quilômetros desse rio, perto de praia do *Makuka-kynyra*. Foi o grande guerreiro *Sanawe Kuriawaku mahadu* que matou essa família na antiga aldeia *Wari-Wari*. E assim foram eliminados o povo *Wèrè-Hina*. O lugar ficava fora da ilha do Bananal, reconhecido como o lugar de *Wèrè-Hina Hawa* (o lugar onde o *Wèrè-Hina* morava) ou *Were-Hina hawalò* (o morro de *Wèrè-Hina*).

A antiga aldeia *Wari-Wari* era um lugar perigoso e o grande guerreiro *Sanawe* sempre estava vigiando seu povo. Ele sempre ficava atento o tempo todo. Muitas vezes acontecia que durante rituais algumas pessoas sumiam. Quando iam nos matos, não voltavam mais para sua casa, tanto os homens, as mulheres, quanto os rapazes, moças e adolescentes. O *Wèrè-Hina* matava e levava os corpos das pessoas para sua casa e consumiam as carnes dessas pessoas com sua família, como se fosse uma caça. O grande guerreiro *Sanawe*, que sempre vigiava sua comunidade dia e noite, queria descobrir que ser feroz que estava acabando com seus parentes. Sempre aconteciam essas tristezas no meio das alegrias dos rituais. Um dia o grande guerreiro *Sanawe* saiu por volta de 2 horas da tarde (*txu ròkèsè my*), para vigiar a sua área e seu povo. Ele tinha saído na estrada que ia para o rio Javaé (*kòwòrù-ritina, ry di*). Ele seguiu na estrada e encontrou uma pessoa que estava vindo para

a aldeia *Wari-Wari*. Os dois se encontram no meio do caminho e o *Sanawe* cumprimentou e perguntou onde que estava indo. Era um *Wèrè-Hina*, que respondeu: “estou indo visitar a aldeia para tomar calugi doce (*iwèrù bèrèkè hèky mômōmy*) e comer *marè-marè hèky rymy*, (comer o grolado, ou seja, beiju). O *Wèrè-Hina* chamava de calugi doce o que era, na perspectiva dele, o sangue das pessoas e grolados ou beiju eram, nessa visão, os fígados das pessoas. O grande guerreiro *Sanawe* então pensou: “*você é que matava meu povo.*” O *Wèrè-Hina* mandou o *Sanawe* andar na sua frente (*wakomy maria; tradução – anda na minha frente*). Mas o *Sanawe* não queria e falou: “*anda primeiro você. Como você é o visitante, eu vou andar atrás de você anunciando a sua chegada*”. Ele então andou na frente e *Sanawe* atirou uma flecha nas costas dele. Em vez de gritar ou chorar, ele esturrou como a onça e mesmo assim *Sanawe* conseguiu matá-lo. Então o *Sanawe* foi gritando que matou o ser feroz que matava as pessoas. As pessoas foram ver e jogaram o corpo dele no mato.

A estratégia do *Wèrè-Hina* era, todas as vezes que encontravam as pessoas, mandar eles andarem na frente e por isso as pegavam por trás. Foi por isso que mandou o *Sanawe* andar primeiro, mas como *Sanawe* era muito esperto, já sabia que não era gente e por isso não andou na frente do *Wèrè-Hina*. O *Wèrè-Hina* se transformou em uma onça na hora que o *Sanawe* flechou para dar susto e tentar espantar o *Sanawe*. Ele não correu e nem ficou com medo e só queria matar o inimigo. O *Sanawe* era muito corajoso. Ele era o matador de seres ferozes.

Sanawe também matou um feroz, chamado de *Hanykywè*. Ele tem a aparência de uma mulher, de gente. Numa noite o grande guerreiro *Sanawe* estava acordado e escutou um barulho. Era este feroz que estava tirando os corações das pessoas. Esse feroz estava gritando na forma de choro ritual. Estava chovendo e *Sanawe* tinha levantado para ver o que estava acontecendo. Quando deu um relâmpago o *Sanawe* avistou ela. Ele esperou na porta até quando ela chegou na casa dele. Ela ia entrar, mas *Sanawe* atirou uma flecha bem na vagina dela e a matou. Esse era o único lugar que podia atirar a flecha, porque ela não tem a pele. Era toda feita de pedras e as unhas dela tinham o tamanho da banana-verde. Assim os ferozes apareciam na antiga aldeia *Wari-Wari*.

Considerações finais

Com essas características de alguns povos, finalizamos o presente texto, no qual optamos por descrever algumas narrativas que os povos *Inỹ/Javaé* contam sobre suas histórias para destacar que as histórias dos *Inỹ/Javaé* sempre são contadas pelos narradores considerando a participação de mais de um povo, sejam os povos *Inỹ*, seja com os outros povos com os quais havia relações de aliança ou de guerra. Então não podemos

pensar os povos como sendo isolados, sem contato, quando eles viviam antes da chegada dos brancos (*tori*). Os povos sempre estiveram em contato e hoje os *Inỹ* (Karajá, Javaé e Ixybiowa) são resultado destas misturas, como já apontado por Patrícia Mendonça Rodrigues em mais de uma ocasião (RODRIGUES, 1993, 2008). Além dessa relação com os outros povos, os *Inỹ* também sempre estiveram (e ainda estão) em contato com os diversos seres que habitam o universo. Estão em contato espiritual com os povos originais, que vivem no nível abaixo do fundo das águas, de onde veem os principais aruanãs e os *worysy* no ritual de *Hetohokỳ*. Mas estão em contato também com os seres que vivem nos vários níveis celestes, que são também aruanãs, mas onde vivem os *xiburé*, grandes seres espirituais que auxiliam os *hàri* em suas curas (RODRIGUES, 2008, p.252).

Finalmente, mostramos aqui que essas redes de relações dos *Inỹ* sempre aconteceram na Ilha do Bananal e no seu entorno. Um meio ambiente e um território que foram aos poucos sendo reduzidos, restando apenas o espaço do interior da Ilha do Bananal, pois as partes do território fora da ilha foram ocupados por grandes fazendas ou por assentamentos de agricultores sem-terra.

Referências

- BASSO, Ellen. 2000. "O que podemos aprender do discurso Kalapalo sobre a "história Kalapalo"". In FRANCHETTO, B. e HECKENBERGER, M. (orgs.). *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- BONILLA JACOBS, Lydie Oiara. 2000. *Reproduzindo-se no mundo dos Brancos: estruturas karajá em Porto Txuiri (Ilha do Bananal, Tocantins)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- DEMARCHI, A. e MORAIS, O. 2016. "Redes de relações indígenas no Brasil Central: um Programa de pesquisa." Porto Alegre: *Espaço Ameríndio*, v. 10, n. 2, p. 96-117, jul./dez.
- FRANCHETTO, B. 2011. "Evidências linguísticas para o entendimento de uma sociedade multilíngue: o Alto Xingu". In: B. FRANCHETTO (org.). *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – Funai.
- GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). 2005. *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas - Fapesp.
- GUERREIRO, Antonio. 2015. "Quarup: Transformações do ritual e da política no Alto Xingu". Rio de Janeiro: *Mana*, v. 21, n. 2, p. 377-406, aug. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200377&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 Nov. 2019.
- HUGH-JONES, Stephen. 1979. *The Palm and the Pleiades: initiation and cosmology in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.

LOURENÇO, Sônia Regina. 2009. *Brincadeiras de Aruanã: performance, mito e música entre os Javaé da Ilha do Bananal – TO*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

MORI, Robert. 2015. *Os aldeamentos indígenas no Caminho dos Goiaes: guerra e etnogênese no “Sertão do Gentio Cayapó” (Sertão da Farinha Podre) – séculos XVIII e XIX*. Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de mestrado.

RODRIGUES, Patrícia de M. 1993. *O Povo do Meio: tempo, cosmo e gênero entre os Javaé da Ilha do Bananal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.

RODRIGUES, Patrícia de Mendonça. 2008. *A caminhada de Tanỹxiwè: Uma teoria Javaé da História*. Tese de Doutorado. Chicago (Illinois), Universidade de Chicago.

RODRIGUES, Patrícia de Mendonça. 2013. “Os Avá-Canoeiro do Araguaia e o tempo do cativo”. *Anuário Antropológico* [Online], I | 2013, posto online no dia 01 outubro 2013, consultado dia 18 setembro 2019. URL: <http://journals.openedition.org/aa/402>; DOI: 10.4000/aa.402.

Recebido em: 18 de junho de 2019.

Aceito em: 20 de novembro de 2019.